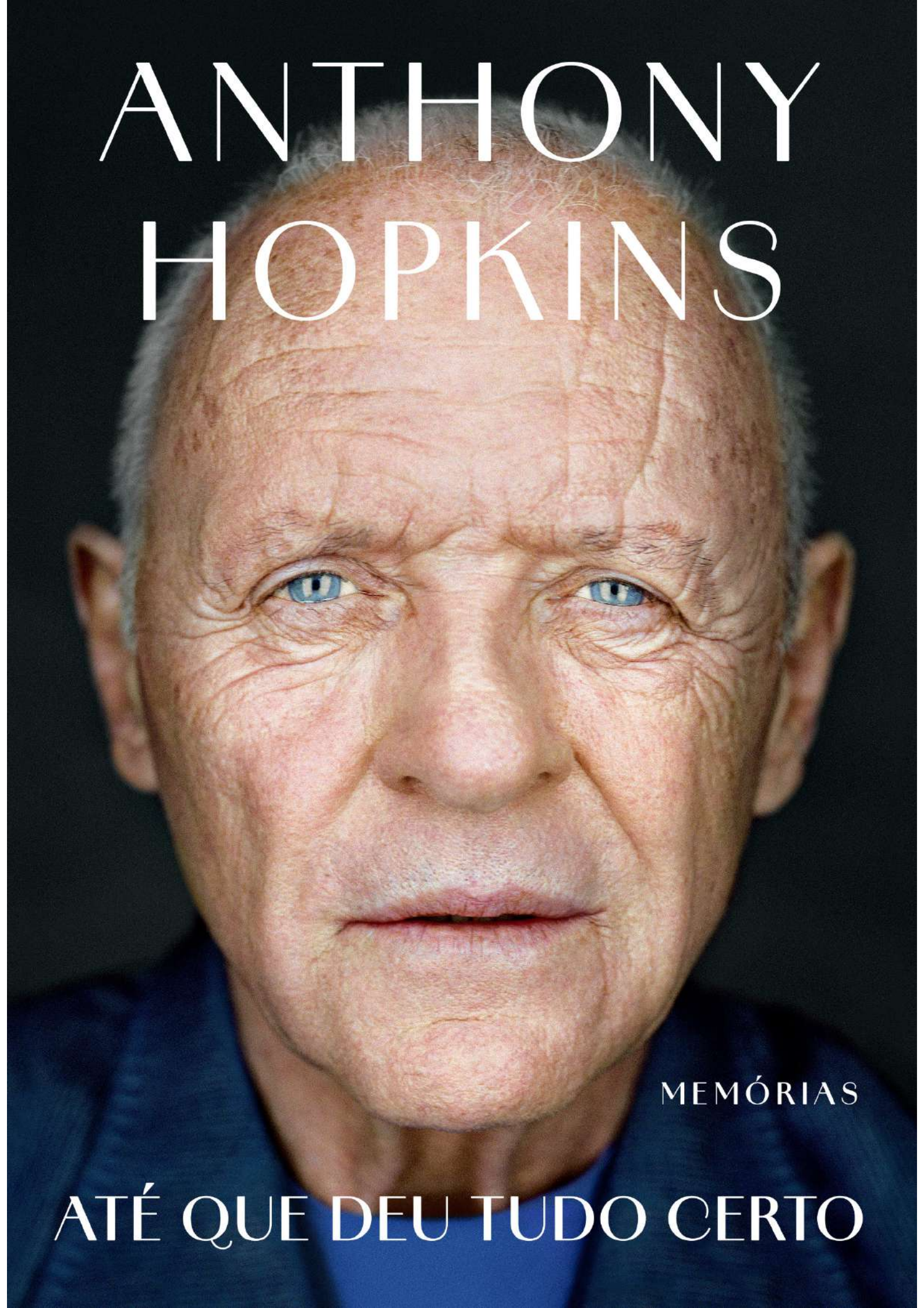


ANTHONY HOPKINS



MEMÓRIAS

ATÉ QUE DEU TUDO CERTO

introdução

ATÉ QUE DEU TUDO CERTO, GAROTO



N uma manhã cinzenta de domingo em 1941, nas dunas de Aberavon Beach, um amigo do meu pai, Cliff Mathers, me deu pastilhas para tosse. Naqueles dias, durante os anos da guerra, víamos pouco, quase nenhum doce ou balas. Foram anos de racionamento. Desajeitado, derrubei as pastilhas na areia e comecei a chorar. Meu pai e Cliff riram. Ganhei um segundo doce. Meu pai se abaixou para me consolar. Acabaram as lágrimas. Cliff tirou uma foto. Uma das minhas primeiras lembranças. Eu tinha 3 anos.

Agora, aos 87, de vez em quando olho para esta foto e me vejo dizendo para o menino atrapalhado: “Até que deu tudo certo.”

Como a maioria das crianças, eu era ansioso e confuso. Isso é parte do crescimento – ser novo demais para entender qualquer sentido da existência. Aquela estranha sensação de estar perdido, sem saber lidar com nada, permaneceu comigo durante os muitos anos da minha vida. Estou surpre-

so – ou será que a palavra certa é *estupefato*? *Perplexo*? Sim, *perplexo* – por ainda estar aqui. Não há explicação.

A marca de nascença indelével estampada em meu âmagô é o sentimento de nunca estar realmente “entendendo”.

Mas fui feito de matéria-prima resistente. Meu pai era assim – sério, sem indecisões. O conselho dele para mim: “Vá em frente. Cabeça erguida e não reclame.” Boa dica. Outro: “A vida é dura. E daí? Nunca desista.” Um pouco ríspido, mas me ajudou. Assim era meu pai, o velho. Richard Arthur Hopkins.

Morto e enterrado agora. Não sei se ele existe em outra dimensão – numa vida após a morte ou qualquer outra coisa que a gente pode desejar que exista. Mas ele está profundamente em mim, como cacos de louça quebrada.

É uma vida solitária. Sempre foi assim. Mas sem problemas, nada de mais. Uma viagem e tanto, na verdade. Não sou uma vítima. Usei esses pedaços quebrados em meu benefício – solidão, alienação, ansiedade, o que quer que esses cacos fossem. E agora estou feliz por isso. Essas irritações e provocações me mantiveram em movimento; elas me trouxeram até aqui.

um

CABEÇA DE ELEFANTE



Foi num outro domingo úmido, cinza – dessa vez em setembro de 1949 –, que, aos 11 anos, me tornei independente. Foi naquela tarde que minha mãe e meu pai me deixaram num internato de tijolos aparentes do século XIX, numa colina que se eleva na cidade de Pontypool, em Monmouthshire.

West Mon era um prédio gótico com pináculos altos. Sobre a entrada, dois carneiros em baixo-relevo seguravam um pergaminho que dizia *SER-VIR E OBEDECER*. O prédio tinha um ar agourento de casa mal-assombrada, em nada aliviado pelos trovões estrondosos, os ventos fortes e a chuva de gelar os ossos da região de Monmouthshire. Foi ódio à primeira vista.

Fui deixado lá porque minha mãe estava ansiosa por me dar uma educação decente. Meu pai não estava tão convencido, porque me dar aquela oportunidade ia custar um bocado de dinheiro ganho a duras penas.

Eu concordava com meu pai, porque não me importava com a escola. Por que jogar dinheiro fora? Nunca fui o melhor aluno da classe, e não parecia haver muita esperança de melhora. Eu já tinha sido dado como um caso perdido pelos professores excessivamente pálidos de minha escola anterior em Port Talbot – apelidado de “Dennis, o Burro” por um professor particularmente desagradável.

Para os meninos da nossa rua, eu era o “Cabeça de Elefante”. Minha cabeça era grande e parecia meio desproporcional naquele corpo franzino. Meus pais achavam que eu tinha hidrocefalia, mas o Dr. Bray, especialista em crianças, assegurou que eu era normal.

– Ele só precisa engordar – disse a eles o bom médico.

Ser deixado pelos meus pais na West Mon não foi um evento catastrófico. Foi só um daqueles percalços inconvenientes na estrada da vida, nada mais, mas, por uma razão ou outra, esse acontecimento plantou em mim uma semente de indiferença. Prometi *Vou me arriscar e nunca mais vou me aproximar da minha mãe e do meu pai – nem de qualquer outra pessoa, na verdade.* Não me importava mais. Decidi viver minha vida nos meus termos; abrir meus olhos para o futuro. Esquecer o passado. *A infância acabou. Entendido. Câmbio, desligo.* O fantasma tinha entrado na máquina.

Depois de uma breve conversa com o diretor, o Sr. Harrison, e sua exuberante e roliça esposa, seguida por um rápido passeio de reconhecimento pelo dormitório claustrofóbico de 16 camas apertadas num cômodo quadrado com paredes verde-hospital, meus pais e eu voltamos para o estacionamento diante dos degraus da entrada principal da escola. Minha mãe e meu pai entraram no carro para voltar para casa. Enquanto eles saíam, o sol refletiu no para-brisa. Através do reflexo, vi minha mãe acenar para mim. Meu pai manteve os olhos na rua, então deixei meus braços abaixados e não retribuí o aceno.

Enquanto o carro deles – um Ford Model C Ten bem polido – desaparecia na estrada que levava à entrada, vi o número da placa: BTX 698. Pelo resto daquela tarde úmida, fiquei murmurando o número várias e várias vezes: “BTX 698. BTX 698. BTX 698.”

O lema da escola: “Acreditar, conquistar, ter sucesso, servir e obedecer.” O hino da escola era ainda mais deprimente: “Marchamos com a música feliz, com uma canção de vitória.” Tínhamos que cantar essa coisa ridí-

cula toda manhã quando os alunos se reuniam diante da soturna equipe de professores.

Um dos inspetores daquela prisão de tijolos era um militar desalmado; ele tinha participado da campanha no Norte da África contra o general Rommel. Eu o chamava de “Lago” porque seu rosto era vermelho como uma lagosta. Ele me dissera que meus méritos e minhas perspectivas não passavam de “trapos e farrapos”. Eu gostava do som engraçado, dramático de *trapos e farrapos*.

– Quietos, quietos, quietos – falei. – Eu sou o que sou o que sou. Sou o Homem dos Trapos e Ossos e Farrapos.

Eu era bom em fazer papel de palhaço. Frequentemente brincava de ser o espantalho de *O Mágico de Oz*, Bela Lugosi como Drácula ou Boris Karloff como o monstro de Frankenstein. Eu era assustadoramente bom em imitar qualquer voz ou som que ouvisse. Sabia relinchar como um cavalo ou latir como um cachorro. Também imitava o Pernalonga: “O que é que há, velhinho?” Hortelino. Patolino. Gaguinho. “Isso é tudo, pessoal!”

Quando fiz meu número de trapos e farrapos, alguns dos meninos riram, e Lago respondeu escrevendo no quadro: “*Pois em quê são os homens melhores do que ovelhas ou cabras se alimentam uma vida cega em seu cérebro?*” – Alfred Lord Tennyson.

Ele nos mandou escrever isso 20 vezes. Eu cumpri o desafio com um humor sinistro. Enquanto copiava as palavras, baliava como cabras e ovelhas. Lago veio na minha direção. Tapas. Mais balidos. Mais tapas.

Quanto mais tapas eu levava, mais eu adotava meu truque de sobrevivência, um olhar de pura insolência estúpida. Esse olhar demonstrava minha indiferença passiva a tudo aquilo que era hostil em meu entorno. Não demonstrar reação. Encará-los. Fingir que não existem. Gostei desse poder recém-descoberto. Não demonstrar dor! Esconder qualquer dor existente, empurrar para baixo do tapete, seguir em frente. Isso deixava os adultos malucos, e me serviu perfeitamente.

Apesar de ser deprimente ter que viver naquele lugar medonho, foi lá que tive meu primeiro contato com William Shakespeare.

Foi num sábado à noite. Nós meninos estávamos reunidos no salão da escola, não para cantar o hino escolar – graças a Deus –, mas para ver um filme, um filme de verdade com som. A escola havia arrumado um

projektor e contratado um operador de projetor, o Sr. Gordon Phillips. Era algo novo e empolgante.

Nós nos sentamos em nossos bancos de madeira e esperamos. Finalmente, o Sr. Harrison, o diretor, entrou no salão, com uma roupa esvoaçante para reforçar a importância do evento. Junto dele estava sua esposa grande e estrondosa como um navio de guerra, a velha Ma Harrison. Nossos professores vieram atrás. Max Horton, Lago Garnett e outros. O Sr. Harrison nos mandou ficar quietos – nada de falar, nada de se mexer, nada de rir. Qualquer menino que não respeitasse as regras seria retirado – e então, imaginávamos, executado rapidamente no ginásio.

– *Hamlet* é um filme muito importante. O Sr. Laurence Olivier, o maior ator shakespeariano do mundo, dirigiu esse filme e, além disso, se comprometeu apaixonadamente a divulgar as palavras poderosas e a sabedoria do Bardo de Warwickshire, o Sr. Shakespeare.

Oh, Deus nos ajude! Shakespeare, não. Por favor, nos poupe dessa trivialidade entediante.

O Sr. Harrison falou por mais cinco minutos sobre Shakespeare e o Sr. Olivier. Por fim, prestou homenagem a nosso projecionista, o Sr. Gordon Phillips de Griffithstown.

Isso vai ser deprimente! Pensei. Todos nos viramos para cumprimentar o Sr. Phillips de Griffithstown. Ma Harrison nos mandou dizer: “Obrigado, Sr. Phillips de Griffithstown.” Eu me senti no inferno.

O Sr. Phillips de Griffithstown, em pé entre dois projetores de filme, pronto para a ação, era um jovem homem rotundo, de rosto oleoso. Seus cabelos haviam sido domados com gomalina e ele escolhera uma gravata-borboleta azul para o evento. Definitivamente, aquilo era o inferno.

No palco, uma grande tela de cinema havia sido instalada.

Diminuíram as luzes do salão. Na tela surgiu a abertura familiar, a introdução que é marca registrada da Organização J. Arthur Rank: o som do gongo gigante, as palavras *A J. Arthur Rank Enterprise*, uma tela escura. E então, de repente, os estrondosos acordes de abertura da música de William Walton.

Foi... *assombroso*. As cenas de batalha. O fantasma do pai de Hamlet. Dentro do castelo de Elsinore. Olivier. O monólogo de abertura dele:

*Ah, rija carne, eu te queria rota
E dissolvida, reduzida a orvalho!*

Fiquei fascinado até o último verso do monólogo.

Mas freia, coração; é bom calar.

Eu nunca havia sentido um impacto como esse. Era explosivo. Eu ainda não conseguia entender a estrutura de *Hamlet* e suas nuances – as palavras arcaicas, a linguagem nova e pouco familiar, o ritmo e o fraseado.

Mas senti como se Olivier no papel de Hamlet estivesse falando comigo, referindo-se a uma parte antiga de mim, há muito desaparecida. Foi uma experiência sobrenatural. O luto de Hamlet pela morte do pai e a traição da mãe ao marido morto. Chorei, dominado pela representação épica de pais e mães falhos e de como todos somos assombrados pelos fantasmas da memória. Eu era jovem demais para entender o sentido moderno das palavras. Mas uma força havia invadido o âmago do que quer que eu fosse.

dois

A 150 MILHÕES DE QUILÔMETROS

Minhas habilidades naquele primeiro internato eram nulas, e por isso meus pobres pais tiveram que repensar minhas perspectivas educacionais. Eles estavam desesperados e precisavam que alguém me ajudasse a dar um salto com vara para chegar aos pináculos da escolástica, alguém que, conforme sussurravam, pudesse “dizer uma ou duas palavrinhas a meu favor, digamos assim”.

Era como ser parte de uma comédia shakespeariana complexa, cheia de piscadelas e apartes. Suponho que eu deveria me sentir honrado por ser o centro de tais planos, mas eu me sentia um burro, vendido. Eu não queria nada com aquilo.

Finalmente, fomos levados a uma figura misteriosa, alguém que tinha poder. Tio Eddie – que, pelo que me disseram, vivia na área de Rest Bay de Porthcawl e “era desprovido de arrogância”, o que queria dizer que ele era direto – viria a se tornar meu salvador.

Por acaso esse grande homem que todos chamavam de tio Eddie era parente do lado paterno da família. Eles eram “podres de ricos”, meu pai dizia. Eram tias e tios idosos que viviam na St. Mary Street, a *crosta* de Rest Bay. *Crosta* era o termo pejorativo usado para descrever a elite galesa que controlava os setores de educação em Gales.

Nenhum de meus dois avôs tinha a mesma imponência. Vovô Hopkins – ou Vovô H., como eu o chamava – era um cara durão. E adorava me mostrar quanto era forte.

Toda manhã ele tomava um banho frio, depois trabalhava o dia inteiro. “Sou duro como um carvalho”, dizia. Ele estendia o braço direito e fechava o punho, depois esticava os dedos. “Veja isso, nem um tremor. Isso é força de verdade. É preciso ser forte neste mundo. O nome disso é a sobrevivência do mais apto.”

Ele nasceu em Neath, Gales do Sul, em 1878, e de acordo com a lenda – sua própria lenda, talvez – fugiu do pai alcoólatra e viajou escondido em um vagão de trem até Londres. Encontrou um lugar para morar em Bermondsey, no sudeste da cidade. Tinha pouco dinheiro, mas conseguiu um emprego limpando e esfregando o chão em uma padaria alemã perto de Piccadilly.

Logo ele aprendeu que a padaria era um lugar de melancolia e trabalho árduo, mas acabou se tornando um padeiro de mão cheia e um mestre confeito. Mais tarde ganhou troféus em exposições de panificação em Earl’s Court, em Londres. Ainda tenho as taças de prata do Vovô Hopkins. Em uma delas está gravado: *Arthur Richard Hopkins 1924, Primeiro Lugar em Pãezinhos de Groselha*.

Partes da história dele devem ter sido aumentadas, mas eu achava que havia certa autenticidade. Admirava o velhote. Ele não parecia se interessar por mim exceto quando eu tocava piano para ele. “Anthony tem uma cabeça muito grande”, disse certa vez à minha mãe. “Fico me perguntando por quê. Pena que não tem muita coisa dentro.”

Vovô Hopkins era ateu, vegetariano, além de fã de Charles Darwin e do grande dramaturgo George Bernard Shaw. Ele se interessava pela expansão do movimento de autoajuda americano. Me mostrou livros que havia comprado quando jovem aprendiz em Londres, de um sebo em Charing Cross Road. Apesar de mal conseguir pagar o aluguel ou comprar comida, precisava ter esses livros, entre eles *Os males do tabaco*, de Dwight Baldwin, e *Desenvolvendo o poder mental*, de George Malcolm Stratton.

Ele me contou uma história sobre um jovem chamado Gerald com quem trabalhara naquela padaria londrina. Gerald havia se casado com uma jovem e eles estavam querendo alimentar sua filha bebê, mas não havia comida suficiente. Gerald estava muito doente. Meu avô pensava que era tísica – tuberculose –, pois a tosse seca era um dos sintomas.

Certa manhã Gerald não apareceu para trabalhar, e o encarregado da loja anunciou para todos que o jovem havia morrido de pneumonia na noite anterior. Os outros homens da padaria não disseram nada e o trabalho continuou como sempre.

Vovô Hopkins se tornou um agitador operário. Ele contou ao meu pai que uma vez encontrou Vladimir Lenin. Podia ser uma história fantasiosa, uma parte de sua lenda. Mas também podia ser verdade, porque Lenin se exilou em Londres. Leon Trotsky também morou lá, onde na época havia uma fervorosa e apaixonada militância marxista.

Quando ele e minha avó foram para Port Talbot com os três filhos, Miriam, Richard e Lorna, a família lutava para sobreviver.

Gales já foi descrita como a “terra da música”. Dylan Thomas criou uma versão mítica em *Ao pé do bosque torto*, sua peça para vozes, mas a verdade era que não havia nada de pitoresco ou romântico no País de Gales que minha família conheceu.

Em 1921, quando meu pai tinha 14 anos, precisou abandonar a escola para trabalhar na padaria da família sem remuneração. Ele ficou lá até 1936.

Do outro lado havia meu avô materno, Frederick Thomas Yeats, nascido em Pewsey, Wiltshire. Sempre que eu me aborrecia, vovô Yeats dizia: “Não chore sobre o leite derramado. São águas passadas. Deixe estar.”

Vovô Yeats encontrou trabalho nas estradas de ferro e nos pátios de manobras de Swindon, depois se mudou para Gales, onde novas fundições de siderurgia estavam sendo construídas. Lá ele conheceu Sophia Phillips, uma aprendiz de costureira, em uma loja de vestidos de Carmarthen. Eles se casaram e se instalaram em Port Talbot. Tiveram duas meninas. A primeira foi minha mãe, Muriel, nascida em 1913.

Eles perderam a segunda, Jenny, a favorita de meu avô, para a difteria, quando ela tinha 9 anos. Minha mãe tinha 12. Um dia no café da manhã eles ouviram um baque no andar de cima. O pai se levantou e foi até o corredor, e lá estava Jenny caída, encostada na balaustrada. Ele subiu as escadas correndo e a levantou nos braços. Estava morta.

Minha mãe disse que no dia do enterro da menina, enquanto o caixão era levado para o carro fúnebre, ela ouviu o pai chorando e soluçando impotente, desesperadamente na pequena passagem nos fundos da casa.

Mas no dia seguinte, como sempre, ele foi trabalhar como operador de guindaste na siderúrgica. Quando ofereceram uns dias de folga, ele não aceitou.

– Não posso trazer a menina de volta, não é? – disse. – Por que reviver tudo? Ela se foi. Depois que alguém morre, acabou. O passado morreu, não existe mais nada. E ele nunca mais tornou a falar da amada filha.

De volta ao Tio Eddie – Eddie James. Ele era adorado pela família, que falava sobre ele aos sussurros.

– Ele sempre vai a Londres. Sabe, negócios e tudo mais. Várias vezes toma café da manhã no trem com nosso ministro da saúde, Nye Bevan.

Tio Eddie era também editor do jornal *Western Mail* em Cardiff. Ele conhecia “gente importante” no conselho galês de educação. Em que isso podia me favorecer, eu não tinha a menor ideia.

Em uma tarde de domingo quente e sufocante, fomos convidados pela tia Patty para tomar chá com tio Eddie na casa dela, na Esplanade Avenue. Enquanto meu pai nos levava até a casa da tia Patty, minha mãe, sentada no banco do carona, se virou para me olhar. Eu estava largado no banco de trás. Ela mandou que eu me sentasse direito. “Espero que você não se sente assim na casa da tia Patty! Sente-se direito, comporte-se e pare de se remexer. E diga *por favor* e *obrigado* quando a tia Patty oferecer um pedaço de bolo. Não fique jogado na cadeira de qualquer jeito. E não fale para dentro quando o tio Eddie fizer uma pergunta.”

Fiquei olhando pela janela do carro enquanto passávamos pela beira-mar, e minha mente se voltou para a última visita que tínhamos feito à família, em outra tarde agourenta de domingo. Estávamos todos reunidos, o clã Hopkins inteiro. Ou pelo menos era o que parecia. As duas irmãs do meu pai, Mimi e Lorna; o tio Billy; tio Jack e Bobby, meu primo-irmão – todos nós apertados como sardinhas na sala de estar bolorenta da casa do tio Davey Charles e da tia Nettie, na St. Mary’s Street.

Pela milésima vez minha mãe me dissera para me sentar direito e dizer *por favor* e *obrigado* sempre que tia Nettie decidisse me oferecer um pedaço de bolo galês seco em um prato de porcelana delicado cheio de flores.

De repente um pensamento estimulante me ocorreu: *Por que você não se levanta – sim, agora – e fica completamente louco e insano como aqueles lunáticos de Bedlam? Sim, por que não? Enlouqueça agora e quebre este prato*

estúpido de porcelana florida na cabeça da sua querida tia Nettie. Talvez essa tenha sido a primeira semente de vingança plantada no meu cérebro atrasado. A semente do caos e do perigo.

Enquanto estava sentado no carro relembrando aquela visita, notei meu pai me olhando pelo retrovisor. Vi seu rosto e notei, não pela primeira vez, quanto ele se parecia com o cantor americano Bing Crosby. Devolvi o olhar. Uma insolência estúpida. Que o deixava louco.

– Não sei o que vai ser desse menino. Fico preocupado pra cacete – disse ele à minha mãe.

– Ah, Dick, pelo amor de Deus, não fique falando nisso. E pare de falar palavrão. Não me vá falar assim na casa da tia Patty.

– Ah, pro inferno com a tia Patty! Tia Patty isto, tia Patty aquilo. São uns beatos hipócritas. Todos eles.

– Então por que estamos indo lá? Por que sempre vamos ver seu pai e suas irmãs?

– Por quê? Porque eles são ricos pra cacete, por isso! Ficamos lá esperando ganhar umas migalhas. Porcaria. É por isso.

Desgraça e Tristeza, os terríveis gêmeos galeses, estavam no carro conosco naquela tarde abafada de verão.

Finalmente estacionamos na casa da tia Patty à beira-mar.

Meu pai apertou a campainha. Sons distantes. Uma moça gorducha vestida de preto com uma touca de empregada na cabeça abriu a porta da frente. Dick fez uma careta para minha mãe como se dissesse, *Ah, desculpe-me por respirar, por favor, digníssimos. Tudo muito elegante.*

Fomos levados até a sala de estar e convidados a nos sentar, disseram para ficarmos à vontade; tia Patty viria nos receber em breve. Eu me sentei ao lado da minha mãe no sofá. Não sabia por que tinha que me sentar ereto, mas tentei. Meu pai ficou em pé, espiando pelas cortinas da janela os turistas de fim de semana que vinham de todo o País de Gales. As crianças pulando e gritando enquanto os pais cansados cochilavam no calçadão da Esplanade e à beira-mar, junto às pessoas solitárias dos vales. Todo mundo, ao que parecia, estava aproveitando aquela tarde miserável.

Meu pai estava agitado como sempre, mexendo na cortina, batendo no vidro da janela com a unha.

– Estranho, não é?

– O que é estranho? – perguntou minha mãe, cansada.

– Todas essas pessoas lá fora. O que elas estão fazendo?

– Estão se divertindo, Dick. É isso que as pessoas fazem. Pessoas normais fazem coisas assim. Por que você não se senta? Pare de bater na janela. Você parece uma pilha de nervos.

– Não quero sentar. Estou bem em pé. Que horas são?

– Não sei. Umas três horas.

Ouvi o toque delicado de um relógio distante. Tia Patty entrou na sala. Era uma matriarca vitoriana, pequena, atarracada e forte, com uma voz marcante de contralto.

Ela foi até meu pai, oferecendo a mão.

– Richard. Como você está?

– Olá, tia Patty. Estou muito bem, obrigado.

– Bom. Bom. Bom. Muito bom. – Tia Patty se virou para minha mãe. – É Marjorie, não é?

– Muriel – respondeu minha mãe.

– Muriel. Sim, claro. Muriel. – Ela então olhou para mim. – E este é o menino?

– Sim. Anthony.

– Anthony. Sim, claro. Anthony.

– Diga “Olá, tia Patty” – ordenou minha mãe.

Eu obedeci.

– Olá, tia Patty.

A majestosa e velha senhora me olhou de cima a baixo e depois tocou meu rosto.

– Então você é o garoto problema, correto?

– Sim, acho que sim – respondi.

Minha mãe ficou incomodada.

– Não é um garoto problema, tia Patty. Ele só é meio lento, só isso.

– Ser lento é um problema, você não acha? – rebateu tia Patty.

Fez-se um silêncio. Tia Patty me olhou novamente. Tocou minha gravata. Era preciso melhorar as coisas de alguma forma.

– Nosso Eddie disse que o Anthony precisa de ajuda para entrar em uma boa escola. O que aconteceu com a West Mon? – perguntou tia Patty.

– Ele estava muito infeliz lá – respondeu minha mãe.

– Ah, bem, felicidade não é tudo, sabe – respondeu tia Patty. – Alguma escola ele precisa frequentar. Que tipo de escola você busca, Richard?

– Queríamos colocá-lo na Cowbridge Grammar School.

Tia Patty espanou migalhas invisíveis da blusa.

– Cowbridge só aceita filhos de profissionais liberais, como médicos e advogados, entende? Já os filhos de comerciantes? Bem, a West Mon é melhor para os filhos de comerciantes. Você quer que Eddie mexa os pauzinhos. Correto?

– Se for possível – respondeu minha mãe.

Meu pai murmurou algo sobre ir embora.

Um silêncio constrangedor. As vozes das crianças na rua. Uma buzina de carro.

– Sim, bem – desconversou tia Patty. – Querem um chá?

Ela foi até a porta e chamou:

– Bessie, prepare o chá para as visitas. – E voltou. – Eddie vai chegar em breve. Ele precisa tirar uma soneca toda tarde. Sabe como é.

Meu pai não perdia uma oportunidade de ser sarcástico:

– Toda tarde? Por quê? Ele fica *cansado*?

Seu rosto era de perfeita inocência fingida. Minha mãe o olhou feio. Ela sabia do que ele era capaz.

– Bem, você sabe como é, Richard. Ele realmente tem muito trabalho pela frente. O cargo de editor no *Western Mail*, o Conselho Galês de Educação. Amanhã ele vai para Londres. Vai pegar o trem das sete horas em Cardiff. Tem uma reunião com o Sr. Bevan e...

– Ah, é sério? Ele conhece Nye Bevan? Ele tem amigos no alto escalão, não é?

Seu sarcasmo sutil não foi registrado por tia Patty.

– Sim, dá para dizer que sim, Richard. Ele nunca para.

Ela se virou para a porta.

– Eddie está chegando.

Entra Eddie James – Eddie, o Grande. Um homem imponente, abençoado com uma cabeça nobre coberta por uma cabeleira prateada e usando óculos pesados de aros pretos. Tio Eddie cruzou a sala até meu pai e o cumprimentou com um aperto de mão forte, de velhos amigos.

– Richard! Conheço bem seu pai. – Ele falava num tom educado galês,

com vogais de barítono, como um cantor de ópera. – Meu caro Arthur Richard, como está o velho patife? Ainda ativo no Partido Trabalhista, imagino?

Meu pai ficou impressionado com o entusiasmo vibrante de tio Eddie.

– Bem, sabe como é, tio Eddie, ele está envelhecendo. Se aposentou dos negócios há alguns anos.

– Estamos todos envelhecendo, Richard. Indo ladeira abaixo, como se diz. – Tio Eddie se virou para cumprimentar minha mãe. – Sra. Hopkins.

– Muriel – corrigiu tia Patty.

– Muriel. É claro.

Tio Eddie, em sua afabilidade gigante, olhou para mim como se estudasse um espécime de outro planeta.

– E você, meu jovem, é você o lentinho? Certo?

Minha mãe sussurrou na hora.

– Levante, tire as mãos do bolso e diga “Prazer em conhecê-lo, tio Eddie”. Obedeci.

– Sim. Então sua mãe e seu pai estão preocupados com você, correto?

– Acho que sim – respondi baixinho.

– Fale mais alto. Não sussurre.

Tio Eddie desabou em uma poltrona.

– No que você é bom?

Em pé diante daquele super-homem professoral, de cabeça prateada, fiquei perdido.

Meu pai, de repente, me ofereceu ajuda.

– Conte para o tio Eddie sobre seu interesse em astronomia.

Tio Eddie olhou para mim como se estivesse reavaliando o menino miserável na frente dele.

– Astronomia, é? Meu assunto preferido. Me conte o que você sabe.

– Sei o nome dos nove planetas – murmurei.

– Fale mais alto. Não consigo te ouvir – disse ele.

– Sei o nome dos nove planetas – repeti.

– Vá em frente.

Eu recitei:

– Terra, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno e Plutão. Mercúrio é o mais próximo do sol.

– Muito bom, parabéns.

Minha mãe murmurou em aprovação.

Tio Eddie me desafiou.

– O que mais?

– O Sol está a oito minutos-luz e meio da Terra, a 150 milhões de quilômetros de distância, e a galáxia mais próxima é Andrômeda, que está a dois anos-luz e meio de distância da Terra, e Galileu se encrencou por dizer que o Sol era o centro do Sistema Solar, e o coronel Fawcett desapareceu na Floresta Amazônica e o *Titanic* bateu em um iceberg em 1912, e o Empire State Building em Nova York é o prédio mais alto do mundo, com 371 metros de altura.

– Isso é impressionante – disse o tio Eddie. – Onde você aprendeu isso tudo?

– Na *The Children's Encyclopedia*, de Arthur Mee. Meu pai comprou para mim quando fiz 6 anos.

Aquele foi um dos melhores presentes da minha vida. Eu tinha ido ao dentista naquele dia e doeu. Quando chegamos em casa de tarde, vimos uma grande caixa nos degraus. Era tão pesada que o Sr. John da casa ao lado teve que ajudar minha mãe a colocar para dentro de casa e a subir a escada. Eles abriram o pacote sobre a mesa. Uma enciclopédia de 10 volumes. Dez livros azuis perfeitos, só para mim.

Apesar de ser um lindo dia ensolarado de verão, me colocaram na cama para descansar da consulta no dentista. Li todos os 10 volumes. Primeiro devorei as páginas sobre Beethoven e Mozart, depois as seções sobre a Via Láctea, e os artigos com títulos como “Natureza”, “Terra”, “Todos os países” e “Feitos épicos”. Li os livros muitas vezes até as capas quase se soltarem, memorizando sem esforço listas dos maiores rios do mundo e a capital e a bandeira de cada país.

Impressionei a todos com minha recitação, mas continuei até que meu pai foi até mim, colocou a mão na minha cabeça e me disse para não cansar o tio Eddie.

– Acho que já é o suficiente.

Parei de falar, mas o tio Eddie disse para meu pai:

– Tudo bem, Richard. Deixe o menino falar. Ele parece ter muito a dizer.

Eddie olhou para mim, não com seriedade, mas de uma maneira amigável.

– E suas leituras, Anthony? Qual seu livro favorito? Você tem um?

– *O vento nos salgueiros*, de Kenneth Grahame; *Prester John*, de John Buchan; e *Oliver Twist* e *Grandes esperanças*, de Charles Dickens.

– *Grandes esperanças*? Céus! Charles Dickens, hein? E quem é seu personagem preferido? Pip?

– Não, o condenado, Abel Magwitch. E, em *Oliver Twist*, gosto de Fagin e Bill Sikes.

– Meu Deus. O Sr. Magwitch, é? O malvado. Muito bem, tenho que dizer. E Fagin. Ele é um personagem peculiar, não é? E Bill Sikes. E Shakespeare? Você gosta?

– Sim, *Hamlet*: “Ser ou não ser: eis a questão./ Acaso é mais nobre curvar a cabeça aos golpes/ Da ultrajante fortuna.” De *Júlio César* gosto do monólogo “Ó poderoso César” de Marco Antônio e seu “Amigos, romanos, compatriotas”.

Tio Eddie riu.

– Meu Deus, está bem, já é suficiente.

Triunfo. Houve uma pequena explosão de risadas na sala. Acho que até tia Patty riu.

O veredito do tio Eddie:

– Bem, Richard e Marj... desculpe, Muriel, acho que Anthony é um pouco sonhador. É isso. Um sonhador. Um belo dia ele vai chocar todos nós. Quem sabe? Ele escreve? Como é sua ortografia?

– Muito boa – respondeu minha mãe. – Acho que lê essas enciclopédias todos os dias, e é bom desenhista e toca piano. “Sonata ao Luar.”

Eles compraram um piano para mim, para estimular meu interesse, e funcionou. Eu amava tocar piano e desenhar.

O tio Eddie concordou com a cabeça.

De repente ele se levantou da poltrona professoral.

– Bem, acho que ele precisa de *dedicação*. Aulas extras. Vou para Londres de manhã, bem cedo, na verdade, mas vou telefonar para o diretor de Cowbridge, o Sr. Idwal Rees, um homem esplêndido, de Cambridge, sabe. Isso, vou ligar para ele hoje à noite ou amanhã. Amanhã é melhor. Vou telefonar de Londres. Ver o que podemos fazer. Mas o menino precisa de aulas extras de aritmética e álgebra.

No caminho de volta para Port Talbot, minha mãe me disse que estava orgulhosa de mim. Meu pai me olhou pelo espelho retrovisor.

– Sim. Bom, vamos torcer para seu tio Eddie conseguir mexer os pauszinhos.

De fato, o tio Eddie conseguiu fazer sua mágica. Ele e Arthur Mee da enciclopédia me ajudaram a entrar em Cowbridge aos 13 anos, no verão de 1951. Eu tinha chegado. Ou achava que tinha.